



COP28

Acordo: combate às doenças tropicais

No quarto dia da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, em Dubai, nos Emirados Árabes, questões relacionadas à qualidade de vida e combustíveis sustentáveis dominaram os debates

» ISABELLA ALMEIDA

No quarto dia da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP28), os Emirados Árabes Unidos, e várias instituições de caridade presentes na cúpula, levantaram US\$ 777 milhões, o equivalente a R\$ 4 bilhões, em financiamento para combater doenças tropicais negligenciadas. Cenário, que, segundo os especialistas, deve piorar conforme o clima é alterado. É a primeira vez que o tema saúde entra em pauta nas reuniões. Enquanto isso, povos indígenas alertam na COP28 que a ajuda internacional recebida é insuficiente.

Conforme o presidente da COP28, sultão Ahmed Al-Jaber, as questões ligadas ao clima "tornaram-se uma das maiores ameaças à saúde humana no século 21", contou, em nota. Representantes da Bélgica, Alemanha e Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional anunciaram fundos para questões de saúde relacionadas ao meio ambiente. Os Emirados Árabes Unidos e a Fundação Bill e Melinda Gates disponibilizaram US\$ 100 milhões de dólares, cada.

A fundação Reaching the Last se uniu à iniciativa Gates e parceiros globais para anunciar uma expansão histórica do fundo, de US\$ 100 milhões para US\$ 500 milhões de dólares. O objetivo é aumentar a ação de sete para 39 países no continente africano e no Iêmen, e erradicar duas doenças dos países da África, a filariose linfática e a oncocercose, também conhecida como doença dos rios, ou mal do garimpeiro.

Apesar das medidas já anunciadas, a liderança da COP28 deixa os especialistas com o pé atrás. Segundo o jornal internacional The Guardian e do Center for Climate Reporting, o presidente da COP28, Sultan Al Jaber, afirmou que "não há ciência" indicando que é necessária uma eliminação progressiva dos combustíveis fósseis para restringir o aquecimento global a 1,5°C.

Conforme a publicação, Al Jaber também afirmou que a eliminação progressiva dessa matriz energética não permitiria o desenvolvimento sustentável "a menos que se queira levar o mundo de volta às cavernas". Os comentários foram "incrivelmente preocupantes" e "beirando a negação do clima", disseram os cientistas, e estavam em desacordo com a posição do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres.

Paralelamente, há um clima de



Líderes de várias nações levantaram US\$ 777 milhões, cerca de R\$ 4 bilhões, para financiar tratamentos em saúde pública, até então não incluídos entre as prioridades



Vamos sair das estreitezas do particularismo e do nacionalismo, esquemas do passado, e abracemos uma visão comum, comprometendo-nos todos agora, sem demora, com uma necessária conversão ecológica global."

Papa Francisco

crítica ao país anfitrião. A desconfiança de alguns participantes reflete o ceticismo em torno do presidente da COP e se ele apresenta condições de mediar de forma equilibrada um acordo climático. Isso porque Al-Jaber é chefe da empresa petrolífera estatal dos Emirados Árabes.

Ainda ontem, o papa Francisco instou os participantes da COP28 a implementarem, sem demora, uma "necessária conversão ecológica global". "Renovo meu apelo para responder às mudanças

Mahryan Sampaio



A ação Boto Rosa Alerta chamou a atenção para as consequências do uso de combustíveis fósseis

A Gatca, que reúne comunidades indígenas de 24 países tropicais, e seu documento permitem visualizar "que poucas organizações da rede operam com orçamentos superiores a US\$ 200 mil", indica o texto. "Muitas organizações locais têm um orçamento inferior a US\$ 10 mil", reitera. Estima-se que mais de um terço das florestas virgens do planeta são o lar de povos originários.

À brasileira

Um boto cor-de-rosa inflável foi utilizado em um protesto promovido por ativistas ambientais brasileiros, ontem, durante a COP28. A ação, nomeada "Boto Alerta: Queremos nadar na água, não no petróleo!", foi feita pela iniciativa jovem Engajamundo. O objetivo da ação foi alertar sobre os impactos da exploração de petróleo na região Amazônica. "A ideia é sensibilizar sobre a causa pra falar sobre os impactos socioambientais que atingem animais com o boto, mas também o ser humano", disse Mahryan Sampaio, ativista da ONG Perifa Sustentável e embaixadora da juventude pela ONU, que se reuniu com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva

climáticas com mudanças políticas concretas", afirmou o pontífice em recuperação de uma bronquite.

Indígenas

Uma coalizão de doadores institucionais e privados reconheceu em seu relatório anual que apenas 2,1% dos US\$ 494 milhões, desembolsados em 2022, cooperaram com os indígenas. Do total, "aproximadamente US\$ 8,1 milhões chegaram diretamente aos povos e comunidades indígenas", destacou o texto da aliança, conhecida pelo comprometimento com a posse florestal.

O projeto, lançado há dois anos na conferência climática de Glasgow (COP26), consiste em uma aliança de Estados

ocidentais e grandes fundações, como a Ford, que forneceram os fundos e a formação necessária aos povos indígenas para obter a titularidade de suas terras. Para esse objetivo, foi anunciado na COP26 um total de US\$ 1,7 bilhão de dólares, dos quais quase metade já foi desembolsada.

No ano passado, apenas 2,1% chegou diretamente aos povos originários da América Latina, África, Ásia e do Pacífico, o que representa uma queda em relação aos 2,9% de doações diretas em 2021. Outro relatório, apresentado ontem, pela Aliança Global de Comunidades Territoriais (Gatca), detalha os modestos orçamentos com os quais contam para defender suas causas.

POLÊMICA



Eleitores vão às urnas para definir o futuro da Guiana

Venezuelanos definem futuro da Guiana

Dois dias após a Corte Internacional de Justiça (CIJ) vetar a anexação de 70% da Guiana à Venezuela, o governo do presidente venezuelano, Nicolás Maduro, convocou 20,7 milhões de 30 milhões de venezuelanos, porém, o comparecimento registrou baixa adesão ao referendo consultivo —que reivindica o direito sobre a região de Essequibo, um território rico em petróleo, gás, diamante e ouro. O horário de votação foi estendido por mais duas horas, acabando às 21h de Brasília. Até o fechamento da edição o resultado oficial não foi divulgado.

A área faz fronteira com o Brasil e a Venezuela. Militares e diplomatas brasileiros estão em alerta. A consulta e o resultado, efetivamente, não alteraram a situação, mas favorece Maduro a atuar em eventuais negociações sobre a área de 160.000 km2 onde vivem cerca de 125.000 habitantes. O esforço do governo venezuelano é para respaldar ações militares para anexar à força a região.

O referendo reuniu cinco perguntas em torno do mesmo tema: se a Venezuela deve criar uma província chamada "Guiana Essequiba" e outorga da nacionalidade aos habitantes da região. De Georgetown, capital da Guiana, o presidente guianês, Irfaan Ali, reagiu às ações de Maduro. "Acreditamos que a Justiça e não a força deve ser o juiz das disputas internacionais", afirmou ele.

Maduro não poupou insultos a Ali, além das duras declarações, mobilizou tropas e exercícios militares nas bases americanas em Guiana. O presidente venezuelano fez intensa campanha em favor da anexação, apelando para o patriotismo.

Brasil

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu o "bom senso" entre Venezuela e Guiana. "Espero que o bom senso prevaleça, do lado da Venezuela e do lado da Guiana", disse Lula em Dubai, nos Emirados Árabes, onde participa da COP28 sobre a mudança climática. "O que a América do Sul não está precisando é de confusão", acrescentou o presidente brasileiro.

"Vemos com preocupação esse ambiente tensionado entre dois países vizinhos e amigos", afirmou a embaixadora Gisela Maria Figueiredo, secretária de América Latina e Caribe do Itamaraty. "[É importante que] no momento em que várias regiões do mundo estão com conflitos militares, a América do Sul permaneça um ambiente de paz e cooperação."

A Venezuela argumenta que o rio Essequibo é a fronteira natural, como foi em 1777 quando era Capitania Geral do Império Espanhol. No dia 1º, a CIJ, com sede em Haia, decidiu a favor da Guiana e contra a realização do referendo.

ISRAEL X HAMAS

TPI vai investigar crimes de guerra

Às vésperas de completar dois meses dos conflitos entre Israel e Hamas, o Tribunal Penal Internacional (TPI) emitiu um apelo para evitar o agravamento da situação e prometeu investigar crimes de guerra. O procurador-chefe do Tribunal Penal Internacional (TPI), Karim Khan, visitou a região, mas não esteve em Gaza porque Israel não integra o órgão judicial, e reiterou a preocupação com as vítimas de ambos os lados.

"As acusações críveis de crimes de guerra durante este conflito devem ser alvo de um exame e investigação independentes", afirmou Khan, lembrando que o TPI

investiga, desde 2021, supostos crimes de guerra nos territórios palestinos em decorrência de denúncias contra Israel, Hamas e outros grupos armados palestinos.

Khan ressaltou que há regras que devem ser obedecidas. "A forma como Israel responde a esses ataques deve respeitar as regras claras que regem os conflitos armados", afirmou ele, lembrando sobre as premissas que regem o direito internacional humanitário.

No terceiro dia após o fim da trégua, Israel intensificou os bombardeios disparou artilharia na Faixa de Gaza. Desde o início dos ataques, gerados a partir das ações do

Hamas, em 7 de outubro, mais de 1.200 morreram e 240 foram feitas reféns do lado israelense. Segundo o grupo terrorista, cerca de 15.500 palestinos perderam a vida.

Tanto o Hamas como o grupo armado Jihad Islâmica confirmaram o lançamento de foguetes contra cidades israelenses, incluindo Tel Aviv, mas a maioria foi interceptada pelas forças de defesa aérea israelense. O Reino Unido anunciou que pretende mandar voos de vigilância sobre Israel e Gaza para ajudar a localizar os sequestrados.

Sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o



Karin Kahn, da Corte, se reúne com autoridades palestinas

Pentágono informou que um navio de guerra do país - nomeado como USS Carney - e "várias" embarcações comerciais foram atacados no Mar Vermelho. O ataque teria começado por volta das 10h em

Sanaa, Iêmen (4h em Brasília), e durado cerca de cinco horas, marcando uma escalada significativa em uma série de conflitos marítimos no Oriente Médio relacionados à guerra entre Israel e Hamas.